



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRAL DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CARLA PRISCILA GONÇALVES CESÁRIO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: RESULTADO DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS**

Campina Grande-PB

2015

CARLA PRISCILA GONÇALVESCESÁRIO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: RESULTADO DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

ORIENTADOR: PROF. DR. ÁLVARO LUÍS PESSOA DE FARIAS

Campina Grande-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C421h Cesário, Carla Priscila Gonçalves.
Histórias em quadrinhos [manuscrito] : resultado de uma oficina pedagógica de leitura e escrita nos anos iniciais. / Carla Priscila Gonçalves Cesário. - 2015.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias, Departamento de Educação".

1. História em quadrinhos. 2. Leitura e escrita. 3. Prática pedagógica. I. Título.

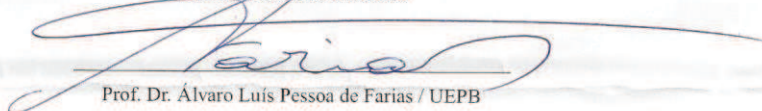
21. ed. CDD 372.62

CARLA PRISCILA GONÇALVES CESÁRIO

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: RESULTADO DE UMA OFICINA
PEDAGÓGICA DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS**

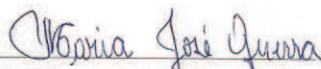
Aprovado em 09 / 02 /
Nota: 8,5 (oito e meio)

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Álvaro Luís Pessoa de Farias / UEPB

Orientador



Prof. Dra. Maria José Guerra / UEPB



Prof. Ms. Gloria Maria Leitão de Melo / UEPB

CAMPINA GRANDE - PB

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. Por sempre ter me dado forças, paz e coragem e por nunca ter me deixado desanimar, nessa longa caminhada acadêmica.

Agradeço aos meus pais, Carmem Lúcia Gonçalves Cesário e Alcides Cesário Taveira, por sempre terem me dado o apoio necessário para o que fosse preciso em minha vida.

A minha filha Kauanny Larissa, por sempre ter proporcionado momentos de alegria exibindo um belo sorriso no rosto e, assim, renovando a cada dia minhas forças e a mais nova integrante da família, Lara Sophia, que acompanhou todo o processo de construção desse trabalho ao meu lado e que em breve estará entre nós, trazendo também muitas alegrias.

Ao meu amado esposo Rogério Cunha Silva que, além de ser meu companheiro amado e fiel, sempre esteve disposto a me apoiar e que, com seu entusiasmo e cuidados, me incentivou para que eu pudesse concluir minha formação acadêmica. Agradeço-o também por sua presença, tornando os meus dias mais felizes.

A meu irmão Rafael Gonçalves, pelos gestos de cuidado e companheirismo.

Aos meus amigos de vida Erika Barbosa e Josimar Alves por todo carinho, ajuda, incentivo e consideração.

Aos meus mestres. Em especial, ao professor orientador Álvaro Luís Pessoa de Farias, por toda dedicação que me foi apresentada e por ter me acolhido dentro da academia. Muito pude aprender com seus ensinamentos. Os levarei pelo resto da minha vida.

Agradeço a toda minha família. Sou resultado da força e da confiança de cada um de vocês.

"Agradeço as pessoas que me fazem felizes, vocês são os jardineiros encantadores que fazem minha vida florescer." (Marcel Prorest).

“... aprender não é um ato findo. Aprender é um exercício constante de renovação”.

(Paulo Freire)

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: RESULTADO DE UMA OFICINA PEDAGÓGICA DE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS

CESÁRIO, Carla Priscila Gonçalves

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas de leitura e escrita através das histórias em quadrinhos no contexto dos anos iniciais. Como objetivos específicos, buscamos perceber, através dos quadrinhos, como é possível discutir as práticas de leitura e escrita nos anos iniciais e apresentar os quadrinhos como suporte educativo e que contribuem com as práticas de leitura e para a formação desses leitores. Trata-se de uma pesquisa em caráter bibliográfico e também de ação. Para tanto, postulados teóricos como Rangel (2009) focalizando no diálogo do texto com o leitor, Luyten (2011) tratando sobre a importância da comunicação entre os alunos e Vergueiro, In: Rama (2009/2010), que nos traz as concepções das histórias em quadrinhos dentro e fora de sala de aula, dentre outros teóricos significativos, nos propiciaram suporte no desenvolvimento da oficina de HQ's. A aplicação desta oficina se deu junto ao projeto de extensão *Saberes e Práticas Educativas em Ações Culturais Itinerantes na Biblioteca da Escola*, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação localizada na Av. Severino Bezerra Cabral S/N, bairro Catolé, durante o ano letivo de 2012, na cidade de Campina Grande – PB. Objetivamos contribuir para a prática da leitura e escrita no cotidiano das crianças contempladas pelo projeto e interligá-las a essas técnicas considerando as contribuições advindas da professora da turma e sua experiência docente. Desta forma, a partir das intervenções realizadas apoiando-se em procedimentos tais como: observação da turma, aplicação de questionários, planejamento e aplicação de oficinas, percebemos que o contato com as HQ'S contribuíram para a melhor formação dos alunos, pois a tirinha trabalhada proporcionou-lhes maior gosto pela leitura e escrita e despertou-lhes o senso crítico. Os procedimentos desenvolvidos promoveram nas crianças uma maior interação e familiaridade com a leitura e a escrita. Assim, tais práticas devem ser continuadas pela comunidade escolar e também por toda a sociedade, haja vista que as práticas de leitura e escrita devem se dar além dos muros das instituições escolares.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Leitura e escrita. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This article has as main objective to analyze the pedagogical practices of reading and writing through the comics in the context of the early years. The specific objectives, we seek to realize, through comics, how can discuss the reading and writing practices in the early years and present the comics as educational support and contribute to the reading practices and the training of these readers. This is a survey of bibliographic and also action. Therefore, theoretical postulates as Rangel (2009) focusing on the text of the dialogue with the reader, Luyten (2011) case about the importance of communication between students and Vergueiro, In: Rama (2009/2010), which brings us the conceptions of comic books in and out of the classroom, among other significant theoretical, has yielded support the development of HQ's workshop. The application of this workshop was given by the extension project Knowledge and Educational Practices in Itinerant Cultural Actions in the School Library, held at the State School of Application Elementary School located at Av. SeverinoBezerra Cabral S / N, Catolé neighborhood during the year school, 2012, in the city of Campina Grande - PB. We aim to contribute to the practice of reading and writing in the daily lives of children served by the project and connect them to these techniques considering the contributions from the teacher of the class and their teaching experience. Thus, as of interventions relying on procedures such as observation of the class, questionnaires, planning and implementation of workshops, we realized that contact with the HQ'S contributed to the better training of students, because the worked strip provided Them greater interest in reading and writing and awakened them critical thinking. Developed procedures promoted in children greater interaction and familiarity with reading and writing. Thus, such practices should be continued by the school community and also throughout society, given that the reading and writing practices should be given beyond the walls of educational institutions.

Keywords: Comic books. Reading and Writing. PedagogicalPractices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. A LEITURA E A ESCRITA NA APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS.....	6
2. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: TRAJETÓRIA HISTÓRICA.....	10
3. OS USOS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA, A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO: SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM AÇÕES CULTURAIS ITINERANTES NA BIBLIOTECA DA ESCOLA.....	14
3.1 CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS ACERCA DA ESCOLA CONTEMPLADA COM O PROJETO.....	14
3.2 RECONHECIMENTO DO PÚBLICO ALVO.....	15
3.3 METODOLOGIA.....	16
3.3.1 ANALÍSE DOS QUESTIONÁRIOS.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERENCIA.....	24

INTRODUÇÃO

A leitura e à escrita nos anos iniciais são elementos essenciais no processo de aprendizagem da criança, pois ler e escrever são atos sociais e culturais, além de ser um direito que está previsto na *LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação*(Brasil, 1996).

Considerando-se que, se a criança não consegue desenvolver uma prática leitora, ela sentirá dificuldades na interpretação de textos e, a que tudo indica, na compreensão dos mesmos. Por sua vez, esta dificuldade vai repercutir na produção da sua escrita.

Nesse sentido, podemos afirmar que os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental I, vem assegurar que:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1997, p. 21).

Dessa forma, o *PNE – Plano Nacional de Educação* (Brasil, 2014)tem como uma de suas metasalcançar, até 2024, a alfabetização de todas as crianças matriculadas na educação básica, até o final do terceiro ano dos anos iniciais.

Para que essa meta seja alcançada, o professor deverá tentar suprir as várias dificuldades dos seus alunos, quanto às questões de leitura e escrita, buscando como principal ideia, desconstruir o processo “cristalizado” de que ler e escrever são atos monótonos e, ao mesmo tempo, difíceis.

Durante várias décadas, no âmbito educacional, dentro e fora da instituição escolar, o velho chavão “é muito complicado escrever”, dirigido por grande parte dos estudantes de escolas públicas e particulares e até por alunos e professores de nível superior de todas as áreas do conhecimento, vem sendo proferido demasiadamente.

Por isso, muitos profissionais tem evitado adentrar em atividades que mobilizem essas competências e habilidades por parte dos educandos. Logo, o desenvolvimento destas atividades vem sendo restrito pela escola como tarefa exclusiva da disciplina de Língua Portuguesa.

No entanto, esta prática deveria ser difundida em todas as matérias/disciplinas que compõem o projeto pedagógico escolar. Fator preponderante para obtenção de melhores resultados quanto à proficiência da educação escolar, assim como, diante da comunidade em que o mesmo mantém relações sociais.

Porém, a prática da escrita no contexto escolar se dá pela superficialidade das produções textuais, que são desenvolvidas através de temáticas específicas, ignorando os conhecimentos prévios dos alunos e, assim, não condizendo com a realidade cotidiana dos mesmos, pois sua única função é de cumprimento das atividades escolares. Assim, tem-se no professor o leitor particular dessas produções.

Objetivando um desenvolvimento proficiente da leitura e da escrita que não se caracterize enfadonho ou que se apresente distante das realidades sociais enfrentadas pelos estudantes, buscamos mediar essa prática a partir do contato com o gênero Histórias em Quadrinho (*HQ*), pois de acordo com Tanino:

As *HQ's* auxiliam os alunos a ampliar a compreensão de conceitos e enriquecer o vocabulário, obrigando o leitor a pensar na informação, tem caráter globalizador e também pode ser utilizado em qualquer nível escolar. (TANINO, 2011, p. 23).

Concordamos com essa assertiva, haja vista que os alunos quando estão de posse das *HQ's* conseguem se relacionar melhor, além de apreender novos conceitos, sejam eles vocabulares e/ou informativos.

Segundo Vergueiro:

(...) A inclusão das *HQ's* na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. (VERGUEIRO, 2010, p. 21).

Portanto, os alunos são motivados para a leitura e escrita, mas torna-se imprescindível que o professor seja mediador desse processo, haja vista que o docente necessita ser proficiente não para exigir, mas estimular os discentes a descobrirem o prazer de ler e a sonhar com um mundo mais humano, igualitário e possível para todas as camadas sociais, uma vez que a leitura aproxima o ser de si para o outro e vice versa.

Esse artigo tem como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas de leitura e escrita através das histórias em quadrinhos no contexto dos anos iniciais. Como objetivos específicos, buscamos perceber, através dos quadrinhos, como é possível discutir as práticas de leitura e escrita nos anos iniciais e apresentar os quadrinhos como suporte educativo e que contribuem com as práticas de leitura e para a formação desses leitores.

Acreditamos que os quadrinhos podem contribuir para a formação leitora e da produção escrita do aluno, pois as imagens dão apoio à escrita. Assim, vão se identificando, estimulando as mesmas a serem criativas e trazendo a motivação e significado para o aprendizado.

Conforme definição apresentada em Luyten:

É exatamente essa aparência lúdica das Histórias em Quadrinhos que se torna um veículo de comunicação poderoso, e bem aceito por estudantes, que se sentem estimulados a refletir e se expressar por meio deles. (LUYTEN, 2011, p. 7).

Nessa perspectiva, os alunos se deixam levar livremente, ou seja, interessam-se pelas narrativas, pelas imagens, por propiciar comunicação efetiva.

Desse modo, consideramos que esse trabalho propicia pensar a leitura e a escrita nos anos iniciais, pois as mesmas possuem ampla utilização na sala de aula, em espaços educacionais e culturais.

É a partir da análise dos elementos contidos no gênero textual quadrinho que são feitos exercícios de linguagem visual, escrita e da linguagem oral, motivando os alunos para a criação de textos e produções artísticas, pois como afirmam Araújo, Costa e Costa:

Os quadrinhos podem ser utilizados na educação como instrumento para a prática educativa, porque neles podemos encontrar elementos composicionais que poderiam ser bastante úteis como meio de alfabetização e leitura saudável, sem falar na presença de técnicas artísticas como enquadramento, relação entre figura e fundo entre outras, que são importantes nas Artes Visuais e que poderiam se relacionar perfeitamente com a educação, induzindo os alunos que não sabem ler e escrever a aprenderem a ler e escrever a partir de imagens, ou seja, estariam se alfabetizando visualmente. (ARAUJO, COSTA & COSTA, 2008, p.29).

Nesse sentido, esse artigo vem a contribuir para o curso de pedagogia, pois é possível, como afirma Luyten,

[...] motivar professores a utilizarem as histórias em quadrinhos nos anos iniciais como ferramenta de trabalho em sala de aula, visando desenvolver habilidades de leitura e de compreensão de textos e, ainda, ensinar a alfabetização visual para os pequenos leitores do século XXI. (LUYTEN, 2011, p. 9).

Esse trabalho se torna importante nas discussões de educação, pois o quadrinho não se limita apenas ao trabalho com a linguagem infantil, mas sim, reúne características que perpassam pelos diversos tipos de linguagem e faixa etária. Nesse sentido o gênero textual quadrinho se torna universal e atemporal.

Trata-se de uma pesquisa em caráter bibliográfico e também de ação. Para tanto, postulados teóricos como *Rangel (2009)* focalizando no diálogo do texto com o leitor, *Luyten (2011)* tratando sobre a importância da comunicação entre os alunos e *Vergueiro, In: Rama, (2009/2010)*, que nos traz as concepções das histórias em quadrinhos dentro e fora de sala de aula, dentre outros teóricos significativos, nos propiciaram suporte no desenvolvimento da oficina de HQ's.

O artigo encontra-se organizado em três tópicos: *A leitura e a escrita na aprendizagem dos anos iniciais; As Histórias em Quadrinhos: trajetória histórica; e os usos das histórias em quadrinhos na sala de aula, mediante experiência realizada no projeto de extensão "Saberes e Práticas Educativas em Ações Culturais Itinerantes na Biblioteca da Escola"*, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação localizada na Av. Severino Bezerra Cabral S/N, bairro Catolé, durante o ano letivo de 2012, na cidade de Campina Grande – PB.

1. A LEITURA E A ESCRITA NA APRENDIZAGEM DOS ANOS INICIAIS

Uma das questões que se torna desafiadora no contexto educacional é possibilitar o aprendizado da leitura na escola, haja vista que essa etapa do desenvolvimento dos educandos seja, em muitas das vezes, aplicadas em um contexto prático que foge à realidade dos mesmos.

De acordo com Sercundes:

Esse episódio leva o aluno a pensar que o ato de escrever é simplesmente articular informações, conseguindo fazê-lo da melhor forma aqueles que têm dom e inspiração, sendo estes os premiados. (SERCUNDES, 2000, p. 76).

No que se refere a esse procedimento nas séries iniciais essa questão se alarga, tendo em vista que as crianças desde o 1º ao 5º, ao término do Ensino Fundamental I, ainda apresentam problemas de leitura e escrita, ou seja, as práticas de leitura e de escrita, nesta fase, assim como nas demais etapas da educação básica, se tornam fundamentais. Porém, alfabetizar na idade certa ainda é um desafio no Brasil.

Dados do Censo 2010 indicam que 15,2% das crianças brasileiras não sabem ler nem escrever aos 8 anos. O problema se mostra ainda mais complexo quando se consideram os resultados por região: no Norte, o índice chega a 27,3%, e no Nordeste, a 25,4% — uma desigualdade brutal em relação à Região Sul, que apresenta as melhores taxas do país, com 5,4% de crianças não alfabetizadas na faixa etária adequada. Outros estudos confirmam as deficiências do ensino no ciclo de alfabetização. A Prova ABC (Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização), aplicada em 2011 a 6 mil estudantes do 3º ano do ensino fundamental, revelou que apenas 56,1% aprenderam o que era esperado em leitura; em matemática, só 42,8%. A prova revelou também a grande variação de desempenho entre regiões do país e entre escolas públicas e privadas. (IBGE, 2010, p. 1).

Todavia, devemos considerar que, de acordo com os *PCN's*, um dos objetivos gerais no ensino Fundamental I, corresponde à:

Utilização de diferentes linguagens como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a

diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1997, p. 1).

Desta forma, compreendemos que o ato de leitura e escrita confere uma interação sociocultural que se expande para além dos horizontes da instituição escolar.

No entanto, Ferreira, abre-nos uma reflexão quando nos coloca que:

A leitura de textos literários em sala de aula constitui-se, geralmente, em atividade mecânica, cujo procedimento, veiculado e difundido pelo livro didático, em linhas gerais, tem sido: leitura silenciosa, leitura oral e respostas a perguntas sobre o conteúdo do texto. (FERREIRA, 2001, p. 37).

Assim, para que venha existir uma interação sociocultural proficiente, a leitura precisa ser vista como um trabalho que resulta do exercício continuado, da base do projeto e da fidelidade ao mesmo. Dessa forma, tanto a leitura quanto a escrita consiste num processo de ensino e aprendizagem contínuo.

Esse processo de ensino e aprendizagem permite a integração da construção do conhecimento com as reais necessidades dos alunos. Para tanto, acaba tomando como base o saber oral, que será reconhecido e trabalhado pelo docente, tornando-se uma ferramenta importante de interação entre professor e aluno. Assim, vem possibilitar novas produções desencadeadas de atividades de reescrituras.

No entanto, consideremos que ler e escrever são práticas de exercício de cidadania e, tais práticas, devem ser iniciadas no lar, na escola e nos demais espaços educacionais.

Tendo em vista que nosso país ainda apresenta uma taxa significativa de analfabetismo escolar, as práticas de leitura e escrita sendo desenvolvidas e incentivadas a partir da escola, ou mesmo entre a família, contribuem para a formação desta cidadania.

Nos contextos educacionais, as práticas de leitura e escrita são essenciais na trajetória dos educandos porque, saber ler e escrever, enquanto atividades desenvolvidas a partir da escola, permitem que meninos e meninas, nos processos formativos escolares, atuem enquanto cidadãos e se posicionem frente às questões que fazem parte do contexto social. Conforme Rubem Alves escreveu:

Bons professores, como a aranha, sabem que lições, essas teias de palavras, não podem ser tecidas no vazio. Elas precisam de fundamentos. Os fios, por finos e leves que sejam, têm de estar amarrados a coisas sólidas: árvores, paredes, caibros. Se as amarras são cortadas, a teia é soprada ao vento, e a aranha perde a casa. Professores sabem que isso vale também para as palavras: separadas das coisas, elas perdem seu sentido. Por si mesmas, elas não se sustentam. Como acontece com a teia de aranha, se suas amarras às coisas sólidas são cortadas, elas se tornam sons vazios: nonsense. (ALVES, 2001, p. 19).

Nesse sentido, quando refletimos acerca do modelo estabelecido pelo currículo tradicional/clássico, no que tange à prática de leitura e escrita, focada na intervenção, através da utilização de atividades mecanizadas desenvolvidas nas escolas, a partir dos anos iniciais, enfatizamos o significado e a importância, enquanto ação pedagógica, no incentivo a métodos educativos de leitura e escrita que estejam fundamentados no uso de práticas educativas e culturais, agregado à escola.

Colaborando assim num fazer educacional, desenvolvido através de ações para a formação dos sujeitos leitores que possam aplicar todo conhecimento absorvido, dentro e fora das imediações da escola.

Desse modo, sendo a língua o núcleo central de uma nação que por assumir o papel interacionista, funcional e discursivo, toma-se por base a ideia que ela só se atualiza a serviço da comunicação que está dentro da subjetividade, em situação de interação social e, quando pela discursividade, materializa em textos orais e escritos à vivência de um indivíduo ou comunidade a que pertencem.

Por isso, o princípio de praticidade mecanicista de um receituário não é bem visto nessa concepção, considerando que uma boa prática pedagógica respalda o estudo da oralidade, da escrita, da leitura e da comunicação.

Assim, podemos entender que a questão da diversidade, que envolve a cultura é bem mais forte na educação. Como afirmaram Moreira & Candau:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois pólos independentes, mas sim como universos entrelaçados, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados. (MOREIRA & CANDAU, 2003, p.160).

Isso significa que a escola reúne vários tipos de pessoas de diferentes estratos socioculturais. Na esteira desse pensamento sobre a educação, os mesmos autores nos indicam que:

Desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como reinventar a escola, reconhecendo o que a específica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a “mediação reflexiva” que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores (MOREIRA & CANDAU, 2003. p. 160-161).

Dessa forma, fica para a escola, a responsabilidade de promover um ensino democrático, quanto às práticas de leitura, produzindo assim, leitores críticos e proficientes em articulação com a produção da escrita.

Segundo Rodrigues:

A escola deve atuar como um instrumento de luta contra a dominação cultural, deve assumir a responsabilidade de ser um veículo socializador do código dominante da cultura e possibilitá-los os valores sociais das classes superiores, porque é fundamental que a escola ensine um saber necessário para que os alunos desenvolvam habilidades e potencialidades pessoais e de sua classe, e isto contribui para a transformação social desejada.(RODRIGUES, 1999, p.17).

Nessa perspectiva, o saber que vem sendo passado pelas escolas servirá no final somente a um grupo que converterá esse saber no instrumento de poder. São desses grupos alguns dos muitos intelectuais que julgam o que é importante para eles e para os outros.

Essa condição revela uma educação escolar, longe de servir a equalização de oportunidades ou de democratização e de competências para a vida social e política, mas que já sentem as necessidades de transformação, mesmo na sociedade burguesa moderna.

Faz-se importante entendermos que a instituição de ensino não é exclusivamente a principal responsável pela formação do estudante.

É, portanto, através da produção escrita do aluno que o professor tem possibilidade de compreender e avaliar como alunos/as de uma sala se posicionam e pensam a partir do que escrevem e da forma como escrevem, acerca de um dado contexto real.

Desse modo, o incentivo às práticas de escrita na sala de aula integram o fazer docente, que deve ser significativo no desenvolvimento cognitivo de alunos/as e estes, por sua vez, ao lerem o que está no texto, criam (através da ação escrita) outra leitura do que fizeram a partir desta ação.

A escrita é uma função culturalmente mediada, a criança que se desenvolve numa cultura letrada está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e a seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2010, p.70).

Por isso, é preciso que os professores, principalmente os dos anos iniciais, procurem se apropriar de novos saberes, novos conteúdos e, também, de uma postura de educador que possibilite que o seu alunado construa e desenvolva suas próprias aprendizagens.

A entrada da criança na língua escrita deve ocorrer simultaneamente por meio do letramento e alfabetização. Sabendo disso, devemos desenvolver nas crianças práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, além de imergir as crianças dentro da cultura letrada através da participação e interação dos diferentes tipos de gêneros textuais e material escrito.

A importância da oralidade associada à leitura e a escrita, dar-se a partir do desenvolvimento das competências do aluno. Portanto, no ato de ler e escrever, a oralidade apresenta-se como elemento essencial.

Em nossos dias, percebemos que as práticas de leitura ainda não estão bem difundidas pela escola, cabendo na maioria das vezes, as elites, o hábito e o desenvolvimento da prática de leitura. Conforme afirma Rojo:

A escolarização, no caso da sociedade brasileira, não leva a formação de leitores e produtores de textos proficientes e eficazes e, às vezes, chega mesmo a impedi-la. Ler continua sendo coisa das elites, no início de um novo milênio (ROJO, 2004, p.01).

Desta forma, para que tenhamos um novo perfil no milênio atual, compreendemos que a prática da leitura e da escrita deva consistir através de atividades que estimulem aos alunos se engajarem no combate ao domínio das elites e que possam atuar como estrategistas da comunicação.

Desse modo, compreendemos que escrever consiste em uma forma de atuar no mundo, e, portanto, uma prática que deve ser propiciada a partir do ambiente escolar de modo a permitir aos sujeitos educativos, desde mais cedo, ter um posicionamento com relação a sua forma de ver e ler o mundo através da escrita, pois ela sempre dependerá de um leitor para que haja interação.

Para tanto, entendemos que as *HQ's* por representarem hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular, por circularem nos quatro cantos do planeta e por serem avidamente adquiridas e consumidas por um público fiel, sempre ansioso por novidades, possam ser o suporte para que haja formação de leitores e produtores de textos proficientes neste milênio.

2. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Rabiscos e desenhos surgiram na civilização diante da necessidade das pessoas se comunicarem e passarem seus registros para os sucessores. Hoje, esses desenhos recebem o nome de *História em Quadrinhos* ou *Arte Sequencial*.

Foram criados desde o início da nossa civilização, e mesmo sendo avaliada como uma das formas de linguagens mais antigas, ela ainda assim é considerada a linguagem do século XXI. Luyten, afirma que:

Esta modalidade de comunicação - considerada a "nona arte" - tem colaborado para atividades didáticas e constitui um poderoso meio auxiliar nos diversos segmentos da comunicação de massa, que também podem ser considerados sistemas educativos. (LUYTEN, 2011, p. 5).

Porém os desenhos foram sendo marginalizados, pois o acesso à cultura escrita era detido apenas da elite. A invenção da imprensa por Gutemberg no século XV se torna um marco, pois os quadrinhos passaram a serem ainda mais difundidos e assim se tornaram uma forma de resistência das classes populares, e por isso que eles ainda sofrem certo receio entre educadores, e por não conhecerem bem o gênero.

Nesse sentido, Vergueiro nos chama a atenção:

Em virtude dessa distinção ao livro impresso e também de pressuposições quanto sua contribuição à sociedade, as histórias em quadrinhos estiveram tradicionalmente alijadas do universo das (poucas) bibliotecas escolares brasileiras, muitas vezes sequer consideradas como elemento propiciador de conhecimento ou incentivador do hábito de leitura. Como grande parte de seus contemporâneos, os bibliotecários acreditavam que a leitura de quadrinhos gerava “preguiça mental” nos estudantes e afastava os alunos da chamada “boa leitura”. Era uma visão também partilhada por muitos professores, para quem os quadrinhos só se justificavam como caminho para o livro e jamais como leitura própria. (VERGUEIRO, 2009, p.746).

Porém, Mendonça (2002, p. 13), In: Tanino, enfatiza que “com o passar do tempo as *HQ's* foram ganhando estabilidade e alcançaram sucesso com publicações especializadas, denominadas gibis”.

Corroborando com o pensamento de Mendonça (2002), Rezende (2009) informa que as *HQ's* são:

[...] Obras ricas em simbologia – podem ser vistas como objeto de lazer, estudo e investigação. A maneira como as palavras, imagens e as formas são trabalhadas apresenta um convite à interação autor-leitor. (REZENDE, 2009, p. 126).

Nos Estados Unidos, por exemplo, a partir da década de 20 os quadrinhos se tornam sensação, com a criação de heróis, pois o herói é um ícone popular nos Estados Unidos.

Esses heróis são transferidos das *HQ's* para bens de consumo. Desta forma, as histórias em quadrinhos influenciam a produção artística da art-pop americana e passa a circular comercialmente em: bonés, camisetas, canecas etc.

No Brasil, o maior destaque, quando falamos em quadrinhos, se dá pelos autores Mauricio de Souza e Ziraldo, que no início dos anos 1960 criaram personagens de sucesso desse gênero os quais fazem sucesso até os dias atuais.

No que tange a ampliação de linguagens na formação educacional, Bari e Vergueiro (2009), nos informam que:

Em termos educacionais, o início de uma mudança mais contundente veio com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB),

promulgada em 20 de dezembro de 1996, que já defendia a necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinamentos fundamental e médio. (BARI & VERGUEIRO, 2009, p. 8).

Nessa perspectiva, apresentada pela *LDB*, acreditamos que os quadrinhos atuam como um suporte extremamente valioso, para o trabalho com linguagens, por apresentar sua capacidade lúdica, interativa e por melhorarem as habilidades de leitura, compreensão, imaginação, pesquisa e até disciplina em sala de aula.

Para Vergueiro o quadrinho ou vinheta:

[...] constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento. Isso que dizer, portanto, que um quadrinho se diferencia de uma fotografia, que capta apenas um instante, um átimo de segundo em que o diafragma da máquina fotográfica ficou aberto. Assim, dentro de um mesmo quadrinho podem estar expressos vários momentos, que, vistos em conjunto, dão a ideia de uma ação específica (VERGUEIRO, 2010, p. 35).

Desta forma, considerando a capacidade de expressão diversificada contida no gênero *HQ's*, quanto à sua estrutura, acrescenta Cereja e Magalhães (2003) que as mesmas apresentam vários tipos de balão.

I.) balão-cochicho ou balão sussurro, com linhas pontilhadas, utilizado para expressar a ideia de que os personagens estão conversando baixo; II.) balão-fala, o qual possui o contorno em linha contínua; III.) balão-pensamento, que possui o rabicho em forma de bolhas; IV.) balão-grito, com o contorno tremido para expressar susto, medo ou irritação; V.) balão-imagem, que possui uma imagem, um desenho e não possui fala; VI.) balão-uníssono, que expressa a fala de vários personagens concomitantemente; VII.) balão-transmissão, que mostra a transmissão de aparelhos eletrônicos. (CEREJA & MAGALHÃES, 2003, In: SILVÉRIO p. 218-219).

O tempo é elemento essencial nos quadrinhos. De maneira geral são recursos utilizados para expressar movimento do personagem dentro dos quadrinhos, indicar ideia de ação, tempo transcorrido e, também, sucessões de acontecimentos.

Ainda sobre os aspectos estruturais na elaboração das *HQ's*, de acordo com Vergueiro:

[...] Os autores atentam também para os planos e ângulos de visão, com vistas a representar a maneira com que cada imagem é expressa na altura e na largura. Como exemplificação, há o plano geral, o plano total ou de conjunto, o plano médio ou aproximado, dentre outros (VERGUEIRO, 2010, In: SILVÉRIO, p.62).

Assim, auxiliada pelas noções de tempo e de espaço, as legendas, com formato retangular, representam a voz onisciente do narrador e são utilizadas para conduzir o leitor à compreensão do tempo e do espaço da trama das histórias, “indicando mudança de localização dos fatos, avanço ou retorno no fluxo temporal, expressões de sentimento ou percepções dos personagens, etc.” (VERGUEIRO, 2010, p. 62).

Dessa forma, compreende-se que o leitor seja um coautor da história. Todavia, não se deve prender-se ao valor estético, pois de acordo com Meireles:

[...] o valor estético vem acrescentar-se, depois, como acessório ao primeiro valor, de interesse imediato. Pedir, ordenar, suplicar, louvar – é o essencial. Saber fazê-lo concorre para favorecer o benefício. E implica, também, uma especialização. Escolhem-se os mais aptos para o ofício, como quem diz: uma seleção profissional. A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mímica, a voz, toda uma arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de histórias, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes (MEIRELES, 1984, p. 47-48).

Portanto, nem todo quadrinho se torna educativo. É importante que o professor conheça e se familiarize com esse gênero, pois o uso de quadrinhos tem o objetivo de ajudar, motivar e estimular o aluno a desenvolver habilidades, além de ensinar de forma lúdica.

Os benefícios são muitos. As HQ's dão uma extraordinária representação visual do conhecimento, mostram o que é essencial, ajudam a narrativa da história, são de fácil memorização, enriquecem a leitura, à escrita e o pensamento e desenvolvem conexões entre o visual e o verbal.

3. OS USOS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA SALA DE AULA, A PARTIR DO PROJETO DE EXTENSÃO: SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM AÇÕES CULTURAIS ITINERANTES NA BIBLIOTECA DA ESCOLA

3.1 CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS ACERCA DA ESCOLA CONTEMPLADA COM O PROJETO

A *Escola de Aplicação* teve sua origem a partir de uma necessidade da *Escola Normal*, também situada ao mesmo endereço, ter que encaminhar o seu corpo discente para um espaço educacional, priorizando a aplicação dos conhecimentos teóricos, absorvidos no processo de formação.

Essa escola foi fundada entre as décadas de 50-60. Hoje, funciona com o nome: *Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação de Campina Grande*. Atualmente a mesma não desempenha a função que fez surgir-la, mas está inteirada com outras instituições e também com a comunidade.

Seu Projeto Político Pedagógico ou Projeto Pedagógico foi criado a mais de 16 anos pela comunidade escolar, com diretrizes apontadas para o desenvolvimento da escola.

A secretaria do município é responsável pela elaboração e planejamento do calendário anual de atividades. Todavia, mesmo de posse do programa apresentado pelo município, é a equipe pedagógica da escola que decide os rumos a serem tomados durante todo ano escolar.

A *Escola de Aplicação* no momento da execução do projeto de extensão (*Saberes e Práticas Educativas em Ações Culturais Itinerantes na Biblioteca da Escola*) apresentava um quadro de trabalho que dispunha quase 30 (trinta) funcionários.

Essa unidade educacional possui um conselho ativo que conta com toda a comunidade escolar. Conforme orientação apresentada no Projeto Político Pedagógico (*PPP*), reuniões mensais são realizadas para se discutir o desempenho das turmas e de toda a escola.

Nesse contexto de melhoramento do desempenho da escola e do alunado, outras atividades pedagógicas e culturais são realizadas. A saber: amostra pedagógica, jogos internos e celebração de datas comemorativas.

A escolha da *Escola de Aplicação* para o desenvolvimento do projeto se deu em comum acordo entre graduandos do curso de Pedagogia da *Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)* e da professora *Dra. Patrícia de Aragão Araújo*, então coordenadora da pesquisa.

3.2 RECONHECIMENTOS DO PÚBLICO-ALVO

A execução do projeto foi pensada a partir da aplicação de um questionário para conhecermos a realidade escolar e tentar identificar os principais problemas de aprendizagem em que os alunos se encontravam.

Para o desenvolvimento e aplicação do questionário, nos fundamentamos no pensamento de que o educador deva ter o seu trabalho associado à realidade dos alunos.

Neste sentido, esse trabalho de sensibilização e reconhecimento do nosso público-alvo, nos possibilitou desenvolver estratégias metodológicas que estivessem de acordo com os interesses dos mesmos e, assim, pudéssemos manter uma prática docente mais humanizadora.

Desta forma, não nos respaldamos no modelo de ensino e de aprendizagem em que o indivíduo é estimulado através de práticas cristalizadas e sem que o mesmo tenha suas realidades agregadas ao procedimento.

Para o educador Paulo Freire, In: Gadotti:

Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. (FREIRE, 1996, In: GADOTTI, p. 72).

Freire, ainda nos apresenta que:

A natureza da prática educativa, a sua necessária directividade, os objetivos, os sonhos que se perseguem na prática não permitem que ela seja neutra, mas política sempre. É a isso que eu chamo de politicidade da educação, isto é, a qualidade que tem a educação de ser política. (FREIRE, 1991, p. 28).

Tomando por base o que fora dito por Freire (1991 e 1996) acerca de que a educação não deva ser neutra e sim política sempre, por esta constar dos sonhos objetivados por muitos dos estudantes, é que elaboramos o questionário com perguntas referentes ao uso da leitura e escrita no cotidiano da criança, dentro e fora do ambiente escolar, tal como sua importância e prazer às referidas práticas.

3.3 METODOLOGIA

A aplicação do projeto se deu na *Escola Estadual de Ensino Fundamental de Aplicação*, localizada na Av. Severino Bezerra Cabral S/N, bairro Catolé, na cidade de Campina Grande – PB.

Esse projeto ocorreu durante o ano letivo de 2012. No entanto, a oficina de Histórias em Quadrinhos, fora desenvolvida durante os meses de março, abril e maio.

As séries selecionadas para a aplicação do trabalho correspondem ao terceiro ano do ensino fundamental I, nas turmas A e B do turno da tarde. Haja vista que uma das metas do Plano Nacional de Educação estabelece alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental I, entendemos ser de grande importância às práticas de leitura e escrita nesse ciclo, para que os alunos obtenham sucesso nas séries seguintes. Mediante abordagem, priorizamos a aplicação das oficinas nessa série.

As turmas contavam com 18 alunos (turma A) e 23 alunos (turma B), respectivamente com idade entre 7 e 8 anos (turma A) e 9 e 11 anos (turma B). Oriundos de classe social baixa à média, em sua maioria residindo nos bairros da zona leste, Catolé e José Pinheiro. Localizações próximas da escola.

Para conhecermos a realidade de aprendizagem da turma, decidimos aplicar um questionário que continha perguntas referentes às questões de leitura e escrita dos nossos alunos.

Depois da aquisição de dados, nos reunimos para dividirmos os temas das oficinas que foram discutidos na escola. Com base nas respostas apresentadas pelos mesmos, foram feitas as devidas análises. Dentre os gêneros questionados, os alunos (as) destacaram maior preferência pela: literatura infantil, contação de histórias, musicalidade e as histórias em quadrinhos. Esse último fora o de maior expressão.

A partir do gênero escolhido pelos alunos (as) e por termos consciência da proximidade à data comemorativa ao dia do índio, decidimos ministrar a oficina de educação indígena.

Para tanto, buscamos base teórica na *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* de número 11.645 de 10 de março de 2008, que em seu art 26ª trata: Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Em seu segundo inciso, está posto que:

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras. (BRASIL, 2008, p.01).

Desse modo, tirinha escolhida para o desenvolvimento da oficina foi uma da turma da Mônica. A mesma, possibilitou uma discussão que envolveu a questão indígena e sua colocação na sociedade atual. A tirinha é de autoria de Mauricio de Souza e apresenta uma conversa entre dois personagens: *Papa Capim* e *Kava*.

A tirinha em questão aborda a diferença entre a relação dos povos indígenas com os não indígenas. Assim, enfatiza um olhar crítico dos personagens através de sua articulação com o meio ambiente.

Ao descrevermos a tira, observamos primeiramente que, o autor da mesma apresenta uma visão do indígena sobre o homem branco, (chamado de caraíba). Diferentemente do que costumamos ver nos livros didáticos, ao nos depararmos com a visão do europeu sobre o indígena.

Essa afirmação fica visível quando *Papa Capim* compara as palavras *m'boie jaci* com suas respectivas traduções da língua portuguesa por *cobra* e *lua*.

Então, realizamos alguns comentários frisando a importância de não nos referirmos ao outro somente pela nossa perspectiva e opinião. É importante compreendermos que não é porque a cultura do outro seja diferente da nossa que ela passa a ser inferior.

A partir das colocações feitas até então e a partir da interação com a turma, diversas dúvidas foram sendo expostas pelas crianças acerca dessa cultura indígena. Dentre as mais diversas colocadas, destacamos as seguintes: como ele vive, onde mora e se ainda existem comunidades indígenas no Brasil.

As dúvidas das crianças nos proporcionaram uma relevante discussão onde puderam compreender que ainda existem diversos grupos étnicos indígenas vivendo com sua cultura, resistindo e lutando pela ressignificação de sua cultura, de seus direitos e de sua história.

No entanto, essa afirmação jamais pode ser generalizada pelo fato de algumas comunidades indígenas estarem hoje, adaptadas ao convívio social da vida urbana.

Inclusive a partir da culminância de ingressos de homens e mulheres indígenas em universidades, em cursos e em outras atividades socioculturais que inclusive tem como proposta trabalhado a perspectiva da interculturalidade, ressaltar o diálogo entre os povos indígenas e outras culturas não indígenas e buscar, sobretudo, seus direitos territoriais.

A tirinha é finalizada com o questionamento de *Kava*, personagem secundário da turma do *Papa Capim*, sobre como os *caraíbas* chamam a paisagem a qual eles estavam visualizando.

A imagem retrata a derrubada de árvores realizada pelo homem branco na busca de suprir desejos e necessidades financeiras, a partir dos elementos naturais como o exposto na tira: as árvores.

Desta forma, *Papa Capim*, com olhar desapontado, responde ao pequeno curumim que isso é chamado pelo homem branco de progresso. A tira utilizada foi a seguinte:



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7525

A partir da tirinha fica exposto a intenção de Maurício de Souza de demonstrar que a relação do indígena com a natureza pode ser chamada de harmônica, pois mesmo o nativo sobrevivendo da natureza, ele só retira o que dela precisa, dando à natureza, o tempo necessário para sua própria reposição dos recursos naturais.

No entanto, em contrapartida a essa afirmação, percebemos que a nossa sociedade tem-se desenvolvido, ou seja, “progredido” sobre a inconstante devastação de nossos recursos naturais, através do uso desenfreado e destrutivo dos recursos da natureza.

Portanto, após identificarmos todos esses relevantes aspectos referentes à relação do indígena com a natureza, propomos então que, esse tipo de inclusão deva também acontecer em nosso cotidiano e que, ao nos posicionarmos, nos façamos parte integrante da natureza. Assim, compreenderemos com maior evidência, a importância da mesma em nossas vidas.

Para que houvesse essa interação significativa e reconhecimento dos agentes sociais envolvidos na execução deste projeto, em relação ao processo de mediação da oficina de HQ's, nos orientamos por uma sequência didática. A mesma obedeceu as seguintes etapas:

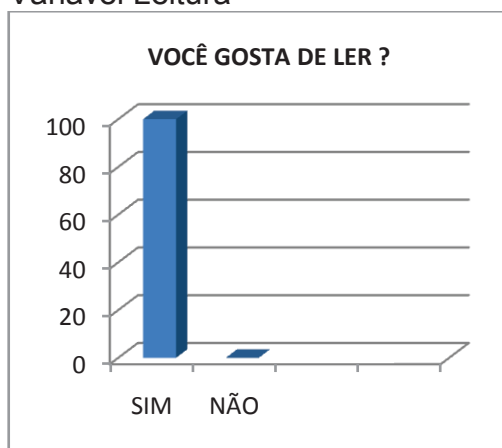
- Distribuição e leitura da tira com a turma;
- Reprodução, através do desenho, da tira no quadro em tamanho expandido;
- Discussão dos conteúdos abordados nos quadrinhos;
- Produção de tirinha em releitura, a partir da tirinha utilizada durante a oficina.

Para desenvolvimento da etapa de produção de uma tirinha com os alunos, finalizamos a oficina mediando algumas técnicas artísticas acerca da prática de elaboração de um quadrinho.

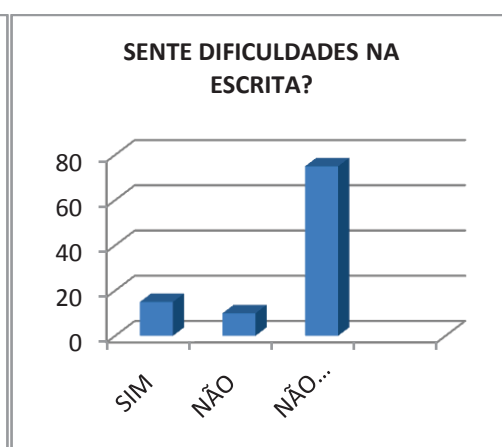
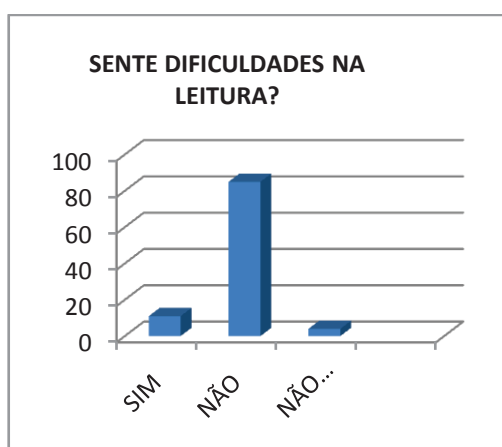
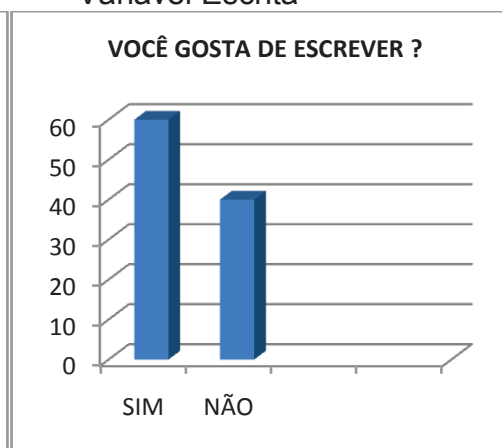
As crianças da turma foram então instruídas com as seguintes técnicas: orientações básicas e fundamentais do desenho com estrutura do corpo humano, esboço, sombreamento e características das personagens.

3.3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Variável Leitura



Variável Escrita

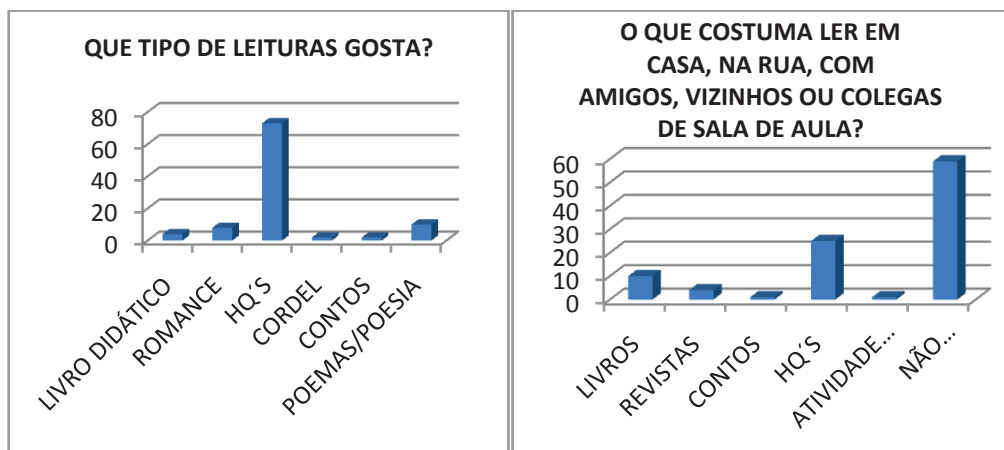


Como podemos perceber nos gráficos expostos acima, todas as crianças da turma do 3º ano da *Escola Estadual de Aplicação*, espaço atendido

pelo projeto de extensão da *Universidade Estadual da Paraíba*, informaram gostar de ler, e pouco mais de 10% mencionaram sentir dificuldades na Leitura.

Quanto ao questionamento acerca do desenvolvimento da escrita, pouco mais de 50% afirmaram gostar de escrever. Porém, mais de 60% não souberam definir se sentiam dificuldades ao escrever.

Com base na análise dos gráficos, compreende-se que as informações obtidas são contraditórias, no que tange ao desenvolvimento proficiente dos alunos, pois distorcem a convenção de que para se escrever bem se faz necessário ter um hábito regular com leituras, haja vista que este processo auxilia na formação do argumento e, também, aguça a capacidade crítica dos mesmos.



Quando indagados sobre qual tipo de leituras eles gostam, cerca de 70%, afirmaram gostar de ler histórias em quadrinhos e quase 30%, confirmaram que as histórias em quadrinhos fazem parte de suas leituras cotidianas.

Esses dois questionamentos, foram de fundamental importância para que pudéssemos, enquanto monitores do projeto, escolher a oficina de HQ's para ser aplicada com eles em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que os quadrinhos podem contribuir para a formação leitora e da produção escrita do aluno, pois as imagens dão apoio à escrita. Assim vão se identificando, estimulando as mesmas a serem criativas e trazendo a motivação e significado para o aprendizado.

Nessa perspectiva, os alunos se deixaram levar livremente, ou seja, interessam-se pelas narrativas, pelas imagens, por propiciar comunicação efetiva.

De acordo com as ações pedagógicas desenvolvidas durante a atuação do projeto, é possível compreender que essas ações foram concluídas, pois as práticas de leitura e escrita compreendem um amplo e contínuo processo no desenvolvimento de habilidades que favoreçam as crianças a comunicação e na interação entre os indivíduos da sociedade a qual estão inseridos.

O projeto *Saberes e Práticas Educativas em Ações Culturais Itinerantes na Biblioteca da Escola* não apenas contribuiu para a prática da leitura e da escrita no cotidiano das crianças contempladas pelo projeto, mas também, interligou essas práticas com as experiências e contribuições da professora da turma, dos próprios graduandos ministrantes da oficina.

Desse modo, consideramos que esse trabalho propicia pensar a leitura e escrita nos anos iniciais, pois as mesmas possuem ampla utilização na sala de aula, em espaços educacionais e culturais.

Portanto, consideramos que é a partir da análise dos elementos contidos no gênero textual quadrinho que são feitos exercícios de linguagem e escrita oral, motivando os alunos para a criação de textos e produções artísticas, ajudando assim no aprendizado do código escrito.

Acreditamos então, que, as práticas desenvolvidas, promoveram nas crianças uma maior interação e familiaridade com a leitura e que devem ser continuadas não apenas pelos os professores e comunidade escolar, mas por toda a sociedade.

Considerando que os resultados foram obtidos mediante acompanhamento contínuo, espera-se então que, a partir das intervenções realizadas, os alunos e alunas das series iniciais da *Escola Estadual de*

Aplicação-CG possam acrescentar a leitura e a escrita, através da presença das histórias em quadrinhos, de uma forma mais significativa em suas práticas cotidianas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Lições de feitiçaria*. São Paulo: Loyola, 2001.
- ARAÚJO, COSTA & COSTA. *O que é histórias em quadrinhos?* São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BARI, Valéria Aparecida; VERGUEIRO, WALDOMIRO C. S.; *Biblioteca escolar, leitura e histórias em quadrinhos: uma relação que se consolida*. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10, 2009, João Pessoa. A responsabilidade social da Ciência da Informação: X ENANCIB. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 01.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br>> Acesso em Fevereiro de 2015.
- BRASIL. *LEI no 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, BRASÍLIA, DF, 24 dez.1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – Séries iniciais*. Brasília, 1997.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Todos os textos. Uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. In: SILVÉRIO, Luciana Begatini Ramos. O valor pedagógico das histórias em quadrinhos no percurso do docente de língua portuguesa. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/O%20VALOR%20PEDAGOGICO%20DAS%20HISTORIAS%20EM%20QUADRINHOS.pdf>> Acesso em Fevereiro de 2015.
- FERREIRA, Liliana Soares. *Contribuições da hermenêutica: sentido, interpretação e compreensão*. IN: Produção de leitura na escola: a interpretação do texto literário nas series iniciais. – Ijuí: Ed. Unijui, 2001.

FREIRE, Paulo. *Paulo Freire: Uma bibliografia*. In: Moacir Gadotti. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 27. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1996.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. *Quadrinhos na sala de aula*. TV Escola canal de educação. 2011. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181213historiaemquadrinhos.pdf> > Acesso em novembro de 2014.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa e CANDAU, Vera Maria. *Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*. Revista Brasileira de Educação, maio, junho, julho e agosto, 2003. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11> acesso em 20/11/2014.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *A evolução da escrita na criança*. In: Vygotsky L.: *Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2010.

RANGEL, F. O. *Mediação pedagógica em EAD: a falta de tempo como sintoma*. 2009. Tese (Doutorado). PUCSP, São Paulo, 2009.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. *Leitura e Formação de Leitores: Vivências Teóricas Práticas*. Londrina: Eduel, 2009.

RODRIGUES, Neidson. *Lições do príncipe e outras lições*. São Paulo: Cortez, 1999.

ROJO, Rejane. *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

SERCUNDES, M. M. I. *Ensinando a escrever*. In: GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Org.) *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

TANINO, Sonia. *Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar*. Londrina: 2011.
<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf> > Acesso em 21/11/2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. *A linguagem dos quadrinhos: uma – alfabetização necessária*. In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar a história em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária*. In: SILVÉRIO, Luciana Begatine Ramos. *O valor pedagógico das histórias em quadrinhos no percurso do docente de língua portuguesa*. Disponível em:
<http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/O%20VALOR%20PEDAGOGICO%20DAS%20HISTORIAS%20EM%20QUADRINHOS.pdf> > acesso em Fevereiro de 2015.

_____. *Uso das HQs no ensino* In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.